

JOSÉ DUARTE RAMALHO ORTIGÃO (1836-1915)



Em todas as revoluções vitoriosas há uma parte que vinga para a posteridade e uma parte que se desconta nas restaurações subsequentes. O que vinga é o fruto da razão ou a forçadas coisas. O que se desconta num retrocesso proporcional é a obra da paixão, do sacrifício, do entusiasmo partidário

♦ Começa como jornalista no Porto, participando na questão Coimbrã em 1868. Fixa-se em Lisboa nesta data e em Maio de 1871 começa a publicar, com Eça de Queirós, *As Farpas*. Bibliotecário da Ajuda de 1895 até 1910.

♦ Observa em 1877 que em Portugal em vez da lógica conservadores/revolucionário havia *uma maioria parlamentar e uma oposição composta de vários grupos dissidentes. Estes grupos são fragmentos dispersos do único partido existente – o partido conservador – fragmentos cuja gravitação constitui o organismo do poder legislativo. Estes partidos, todos conservadores, não tendo princípios próprios nem ideias fundamentais que os distingam uns dos outros, sendo absolutamente indiferente para a ordem e o progresso que governe um deles ou que governe qualquer dos outros, conchavaram-se todos e resolveram de comum acordo revesarem-se no poder e governarem alternadamente segundo o lado para que as despesas da retórica nos debates ou a força da corrupção na urna faça pesar a balança da régia escolha. Tal é o espectáculo recreativo que há vinte anos nos está dando a representação nacional.*

♦ Porque *em todas as revoluções vitoriosas há uma parte que vinga para a posteridade e uma parte que se desconta nas restaurações subsequentes. O que vinga é o fruto da razão ou a forçadas coisas. O que se desconta num retrocesso proporcional é a obra da paixão, do sacrifício, do entusiasmo partidário.*

♦ Observa em 1873 que *a mocidade vive nas antecâmaras do governo como os antigos poetas do século passado nas salas de jantar dos fidalgos ricos. Os velhos são agiotas ou servidores do estado. Os moços são bacharéis e querem*

bacharelar à acerca da coisa pública e à custa da mesma coisa acerca da qual bacharelam. Porque o nosso profundo mal está na nossa profunda indiferença

♦Em Julho de 1911 já critica o regime republicano: *pretender equiparar o espírito revolucionário da Rotunda com o espírito revolucionário da Revolução Francesa é incorrer perante a sociologia e perante a história em tão imbecil equívoco como seria em zoologia o de confundir uma lombriga com uma cobra cascavel. No dia 5 de Outubro, em Portugal, não havia opressão e não havia fome... Os famosos princípio da Revolução Francesa, leit-motiv de toda a cantata revolucionária de Outubro último, são, precisamente, os que vigoram em toda a política portuguesa, desde o advento da revolução liberal de 34 até aos nossos dias.*

♦Em 7 de Setembro de 1914, numa célebre *carta de um velho a um novo*, dirigida a João Amaral, trata mesmo de apoiar o Integralismo Lusitano.

•*As Farpas*, em colaboração com Eça de Queirós, 1871-1872.
As Últimas Farpas, 1911-1914.

➤ 1871 *Farpas (As)*

📁 Serrão, DHP (1978), VI, pp. 460-464.